

A previsão de avanço da doença no mundo é até 2050 e envolve elevação da expectativa de vida e crescimento populacional, além da obesidade e poluição. A OMS alerta sobre a desigualdade nos acessos a diagnóstico e tratamentos

Casos de câncer aumentarão 77%

» PALOMA OLIVETO

O número de novos casos de câncer aumentará 77% até 2050, com 15 milhões a mais que o registrado em 2022 (20 milhões), segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS). O aumento reflete o envelhecimento e o crescimento da população mundial, mas também pode ser explicado pela exposição a fatores de risco, como poluição atmosférica, obesidade, álcool e tabagismo. O levantamento foi feito com dados atualizados de 185 países, incluindo o Brasil. Em 2022, 10 tipos de câncer representaram dois terços dos novos casos e dos 9 milhões de óbitos decorrentes da doença. O de pulmão foi o mais comum em todo mundo, com 2,5 milhões de diagnósticos (12,4% do total). Em segundo lugar está o câncer de mama feminino (2,3 milhões, ou 11,6%), seguido por colorretal (1,9 milhão, 9,6%), próstata (1,5 milhão, 7,3%) e estômago (970 mil, 4,9%). No Brasil, as três maiores incidências foram próstata (102.519), mama feminino (94.728) e colorretal (60.118). O risco de desenvolver qualquer tipo de câncer no país antes dos 75 anos foi de 21,5%, sendo maior (24,3%) entre os homens. Dos 1.634.441 pacientes oncológicos em 2022 — incluindo os novos casos e aqueles diagnosticados em cinco anos —, 278.835 morreram, principalmente de tumores de pulmão, mama feminino e colorretal.

Tabagismo

Globalmente, pulmão (18,7%), colorretal (9,3%) e fígado (7,8%) foram as principais causas de óbito por câncer. Mama feminino (7,8%) ficou em quarto lugar. Segundo o documento da OMS, a alta incidência e mortalidade da doença pulmonar podem ser associadas ao consumo persistente de tabaco na Ásia. Enquanto, no Ocidente, o tabagismo está em queda, o problema continua aumentando no continente asiático e em parte da África. O oitavo câncer mais incidente e nova principal causa de morte pela doença (661.055 novos casos e 348.186 óbitos) é o de colo de útero, e a OMS destaca que o tumor pode ser eliminado com estratégias de saúde pública. As estimativas refletem a desigualdade no acesso ao diagnóstico e ao tratamento: em 25 países, muitos deles na África Subsariana, esse é o mais comum em mulheres. Condições desiguais entre países com diferentes índices de desenvolvimento humano (IDH) impactam em todos os tipos de câncer, demonstram os números das Nações Unidas. “As mulheres nos países com IDH mais baixo têm 50% menos probabilidade de serem diagnosticadas com

Alexandre Carvalho/Azim/Divulgação



No Brasil, as três maiores incidências registradas foram de tumores na próstata, na mama feminino e o chamado colorretal

TRÊS PERGUNTAS/ João Nunes, oncologista da Oncoclínicas Brasília

O câncer de pulmão continua sendo o mais comum em todo o mundo. O que explica a prevalência desse tumor? Com a queda no número de fumantes, não era de se esperar menos casos?

O pulmão e o intestino são os órgãos internos mais expostos do corpo humano. Circulam, por dentro do pulmão, várias substâncias em suspensão no ar. Mesmo com a diminuição do hábito de fumar, o aumento da poluição ambiental, associada ao aumento da perspectiva de vida da população mundial, coloca esse órgão como alvo de vários carcinógenos, o que pode explicar esse aumento expressivo na taxa desse tumor.

Dois cânceres que podem ser evitados — colorretal e colo de útero — estão na lista dos 10 mais prevalentes. As políticas públicas de prevenção não

estão sendo eficazes?

Certamente estamos pecando em algum ponto, seja na prevenção primária — por hábitos de vida de risco, como dieta industrializada, atividade física diminuída e contato sexual não protegido —, como na ausência de cobertura vacinal adequada para HPV, assim como na dificuldade de acesso e instrução para realização da colonoscopia, para homens e mulheres a partir dos 45 anos.

Quais os principais fatores que podem explicar o aumento de casos esperado para 2050?

Se entendermos o câncer como um processo natural relacionado ao envelhecimento, o fato de termos uma expectativa de vida com aumento progressivo gera esse aumento paralelo do número de casos. Por outro lado, o modo

Arquivo pessoal



de vida ocidental, com hábitos nocivos à saúde como poluição ambiental e dieta industrializada, têm também um forte impacto nesse cenário.

têm menos recursos para gerir o fardo do cancro suportarão o peso do fardo global do cancro”, afirmou Freddie Bray, chefe da Seção de Vigilância do Câncer da Iarc/OMS no lançamento dos dados, em Genebra.

As desigualdades em incidência e mortalidade são reflexo das diferenças ao acesso aos serviços oncológicos. Por exemplo: o tratamento para câncer de pulmão tem sete vezes mais probabilidade de estar incluído no serviço nacional de saúde de países com IDH mais elevado, comparado às nações mais pobres. Em média, a chance da radioterapia ser coberta por sistemas públicos é quatro vezes maior em localidades com índice de desenvolvimento humano mais alto.

O documento da OMS também destaca que, nos países com IDH baixo, há pouco investimento em cuidados paliativos. Para a intensivista e paliativista Carol Sarmento, idealizadora do projeto Cuida (@cuidagente insta), faltam profissionais e inclusão da abordagem na atenção primária, fora do ambiente de internação. Além disso, a médica destaca a necessidade de acabar com os estigmas associados.

“A gente precisa mudar uma cultura, um jeito de entender o que é cuidado paliativo”, considera Sarmento. “Cuidado paliativo não significa cuidar de quem está morrendo, de quem esteja no fim da vida ou que não tenha tratamento. Isso é uma coisa que temos de combater ativamente e trazer o conceito o mais alinhado possível para a sociedade.”

GEOLOGIA

Planalto submarino já foi ilha tropical

Um estudo liderado por cientistas da Universidade de São Paulo (USP) mostrou que a Elevação do Rio Grande (ERG), planalto submarino a cerca de 1,2 mil quilômetros da costa brasileira, já foi uma ilha tropical gigante, rica em minerais e coberta de vegetação. Os geólogos dataram os sedimentos da formação entre 45 milhões e 40 milhões de anos atrás. Em um artigo publicado na revista *Scientific Report*, os pesquisadores descrevem novas informações sobre o ERG, que tem área semelhante à da Espanha. Eles analisaram amostras de sedimentos do fundo do mar dragados a cerca de 650m de profundidade na região oeste da formação e caracterizaram suas propriedades mineralógicas, geoquímicas e magnéticas. O material coletado continha principalmente argila vermelha com diversos

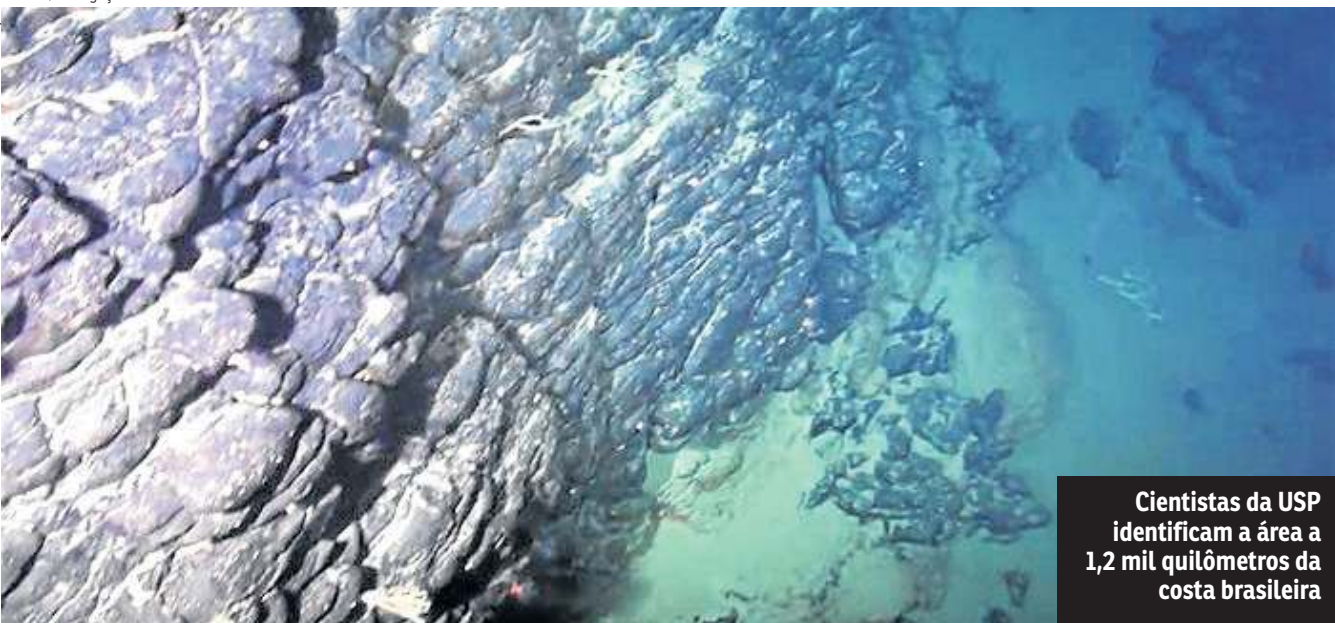
minerais típicos de alterações de rochas vulcânicas tropicais, como caulinita, magnetita, magnetita oxidada, hematita e goethita. Em 2018, o grupo levantou a hipótese de a ERG ter sido uma ilha, o que se confirmou agora.

“Nossas pesquisas e análises nos permitiram determinar que se tratava de fato de uma ilha, e o que está em discussão agora é se a área pode ser incluída na plataforma continental legalmente reconhecida do Brasil”, disse à Agência Fapesp, que financia o projeto, Luigi Jovane, um dos autores do artigo e professor do Instituto de Oceanografia da USP.

Condições tropicais

Segundo Jovane, os cientistas descobriram que a argila se formou após a última atividade vulcânica, ocorrida há 45

IO-USP/Divulgação



Cientistas da USP identificam a área a 1,2 mil quilômetros da costa brasileira

milhões de anos. “A formação, portanto, data entre 30 milhões e 40 milhões de anos atrás. E deve ter se formado em função dessas condições tropicais.”

Para o pesquisador, a participação de uma equipe multidisciplinar na pesquisa contribuiu para os resultados. “Temos um grupo da mais alta qualidade que

inclui especialistas em geologia, geoquímica, biologia, hidrodinâmica, avaliação de impacto ambiental, novas energias, psicologia e direito”, enumera.

O cientista destaca que a ciência acumulada pelo grupo pode ser utilizada para aprofundar o conhecimento sobre a ERG e prospectar a região, sem afetar

o sistema local. “Os serviços ecossistêmicos prestados pelo oceano não foram estudados detalhadamente”, diz Jovane. “Quando se interfere numa área, é preciso saber como isso afetará os animais, fungos e corais, e compreender o impacto que terá nos processos cumulativos envolvidos.”